

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 1-3, janeiro-junho 2018

 <http://dx.doi.org/10.15448/1980-6736.2018.1.31906>

APRESENTAÇÃO

Os caminhos curvos da Evangelização e da Igreja

The curved paths of Evangelization and the Church

Luiz Carlos Susin

Editor

A evangelização é um mandato essencial no seguimento de Jesus. É a razão de ser e a prova da Igreja, é o método do cumprimento messiânico. Evangelizar o mundo, cada vez de novo, ou, mais especificamente, a América Latina e Caribe neste cinquentenário do acontecimento de Medellín – a assembleia de bispos latino-americanos que juntou a renovação conciliar do Vaticano II e os clamores dos povos latino-americanos – é perguntar por onde vamos agora com nossa bandeira da evangelização. Conhecer o caminho é preciso. E os caminhos não são retos. Pelo contrário, há curvas, algumas longas e previsíveis, outras inesperadas e acidentadas. Curvas significam também superação de paisagens que são deixadas para trás e o descortinar-se de novas paisagens com novos horizontes pela frente. O conjunto de artigos desta edição de Teocomunicação é uma colaboração, um aprofundamento no conhecimento do caminho por onde vamos nesses tempos que necessitam de discernimento e de maturidade cada vez mais exigente.

Esta edição se apresenta em duas grandes partes. Na primeira parte, com o texto de Roberto Pich, começamos bem antes de Medellín, numa América Latina do século XVI, em processo de colonização com a espada e a cruz, com a evangelização controlada pelo padroado e a busca do método evangélico mais realista de levar a fé cristã aos nativos naquelas circunstâncias, seguindo os textos do jesuíta José de Acosta. Roberto Pich nos oferece, com uma cuidadosa pesquisa, uma visão aprofundada da metodologia traçada por José Acosta, nome de nossa história da evangelização.

De Medellín, neste cinquentenário, se escreve em abundância. Mas Teocomunicação traz um viés de memória de um participante que, graças às suas contribuições ao Concílio na comissão central de teologia e à sua liderança e moderação em Medellín, mereceu logo depois ser nomeado Cardeal por Paulo IV. Trata-se do Cardeal Dom Vicente Scherer, que foi arcebispo por bem mais de trinta anos em Porto Alegre e alma da fundação do curso de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ao qual está vinculada esta revista. De suas manifestações logo após o evento podemos recorrer, com o seu olhar e seu equilíbrio, alguns aspectos mais sensíveis e inclusive tensos de então, graças ao trabalho do historiador Eduardo Pretto Moesch.



Uma evangelização com dimensão de libertação, de dignificação do ser humano de carne e osso, de promoção dos povos, herança de Medellín, esse é o assunto que Francisco de Aquino Júnior aprofunda percorrendo o caminho desde antes de Medellín, com a virada conciliar, até hoje, depois de muitos desdobramentos e ensaios frequentemente conflituosos, próprios da dialética da história. A este olhar latino-americano se junta um olhar europeu sobre o momento atual em que se afirma uma sociedade mais radicalmente secularizada e onde frequentemente se põe em evidência uma “crise de Deus”, quando na verdade, segundo a tese do articulista Bernhard Grümme, é uma “crise de Igreja”, uma questão que desafia a eclesiologia e a tomada de decisões e de mudanças necessárias, com os recursos existentes na própria Tradição, para superar esta curvatura e descortinar nova paisagem eclesial. O *sensus fidei* e a *sacramentalidade* de toda a Igreja, ou seja, de todo o povo de Deus, são bases firmes diante dos sinais dos tempos. Em relação a isto, lembrando que no Brasil este é o “ano do *laicato*” – uma palavra típica do jargão eclesiástico, estranha justamente à maior parte do mundo “leigo” – nesta edição o monge engajado em muitas frentes do Povo de Deus, Marcelo Barros, reflete sobre a laicidade radical da própria Igreja, anterior a toda dicotomia clero-leigos. Ele dá uma direção para a superação desta dicotomia enrijecida pela história, não só buscando águas novas da fonte neotestamentária, mas também olhando para frente, para a busca do Reino de Deus num mundo com sede de justiça e liberdade.

Numa segunda parte os artigos aprofundam a reflexão com contribuições de caráter filosófico, antropológico, teológico, literário e místico. Ricardo Geraldo de Carvalho e Glauco Barsalini, recorrendo aos textos de Giorgio Agamben, nos brindam com uma articulada demonstração, em termos atuais, da paradoxal tese paulina que encontra força na fraqueza e liberdade na exclusão, aprendendo a passar por este mundo “como se” de alguma forma já estivessem no Reino de Deus vivendo com liberdade tanto a graça como a desgraça. O artigo, rigoroso na linguagem, é exigente sobretudo no seu conteúdo cristão. A este artigo se junta o de Leandro Luís Bedin Fontana, que busca em Karl Rahner, sobretudo em seu afortunado título “Ouvinte da Palavra”, o reconhecimento da autonomia humana, do discernimento e da decisão que supera todo sistema, inclusive religioso, uma vez que tem a capacidade de acolher a palavra de Revelação para aceder à sua maturidade na fé em um mundo secular. Elisângela Pereira Machado e Leomar Brustolin exercitam o desafio posto em nosso tempo para o ouvinte da palavra que é convidado a percorrer em consciência e liberdade o caminho da fé. Ao se debruçarem sobre a obra de Edith Stein, a filósofa santa e mártir do século XX, os autores encontram a “desobstrução” do caminho: em sua “ciência da cruz”, Stein, também ajudada pela Doutrina Mística de São João da Cruz, percorre o caminho do intelecto ao coração, da superficialidade à profundidade, do aparente sem-sentido ao profundo oceano de sentido. E aqui este percurso se põe à nossa disposição.

Cláudio de Oliveira Ribeiro, com grande sensibilidade não só ao ecumenismo, mas à realidade do pluralismo cultural e religioso, à necessidade de pontes e de “interculturalidade”, traz a profundidade mística, inclusive em um quadro trinitário própria da fé cristã, para as relações plurais em suas diversas direções, níveis e sentidos, tendo como pedra áurea a “alteridade”. O outro, e o reconhecimento do outro, não só de Deus, mas de todo outro, é a fonte que irradia a riqueza da pluralidade, da biodiversidade, da real sociedade democrática, participativa, em que a comunhão em Deus significa também comunhão criatural.

Evocando “um canto simples, de amor e verdade”, Renato Ferreira Machado nos traz para casa, para o sul do Brasil, terra de confins, e nos surpreende ao indicar as relações íntimas entre o movimento nativista na cultura desse confim e as inquietações

da teologia da libertação inspirada em Medellín, tendo no meio de tal relação justamente o cristianismo social aparentemente marginal mas, na verdade, inspirador tanto de movimentos eclesiais novos como de movimentos de luta por democracia e justiça fazendo uma releitura da cultura gaúcha através do canto e da poesia. Terminamos assim com um canto e um sonho de liberdade como semente que se igualam às sementes que a evangelização, por vocação, deve semear.

Teocomunicação publica uma resenha detalhada, por cuidado de Reuberson Rodrigues Ferreira, do livro de Fernando Altemeyer, *Perfil episcopal da Igreja Católica*, com um panorama exaustivo útil a quem quer pesquisar a história do episcopado católico brasileiro.

Os editores de Teocomunicação agradecem o esforço e a competência dos articulistas desta edição, que ganha em profundidade e inclusive em beleza literária graças a cada autor e autora. Quem ler poderá confirmar.